



ATELIÊ INFRAORDINÁRIO

arte, natureza e cidade





*Todos os direitos reservados.
© 1. ed. 2024 – Autores da Publicação



Creative Commons License

Catálogo de publicação na fonte (CIP)

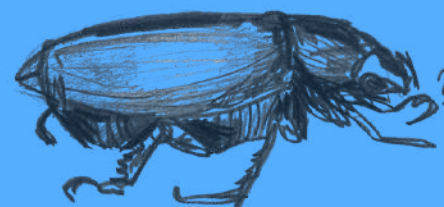
A864

Ateliê infraordinário: arte, natureza e cidade/Organizadoras (es):
Mariana Silva da Silva [et al.].... – Porto Alegre: Uergs, 2024.

62 f. il. E-book - PDF
ISBN 978-85-60231-68-3

1. Arte. 2. Bioma do Delta do Rio Jacuí. 3. Natureza urbana. 4.
Investigação artística. I. Silva, Mariana Silva da. II. Andrade, Bruno de. III.
Morais, Glaucis de. IV. Borges, Lai. V. Título.

Bibliotecário Marcelo Bresolin CRB 10/2136





Mas será que a forma da cidade como a conhecemos é a única plausível? Não seria possível imaginar de modo diferente o que hoje é considerado o lar de nossa espécie?
Stefano Mancuso

Em vez de operar na paisagem, devemos nos confundir com ela.
Ailton Krenak

Sempre que uma abelha, um carvalho, uma bactéria, muda seu entorno para tornar possível sua própria vida, essa espécie também muda o entorno dos outros.
Emanuele Coccia

Agradecemos a todas as pessoas que participaram do ateliê, artistas, professores, estudantes e público da comunidade. Agradecemos também aos autores desta publicação e a pessoas que contribuíram para sua realização.

Para conhecer mais acesse: <<https://grupoflume.com.br/>> e <<https://anyflip.com/homepage/goafd/>>.

SUMÁRIO

Apresentação

Daiana Schröpel

Melissa Flôres

Camila Hein

Fercho Marquéz-Elul

Glaucis de Moraes

Gabriela Bittencourt e Joana Custódio

Bruno de Andrade

Patriciane Born

Sandra Rhoden

Mariana Silva da Silva

Ateliê infraordinário

Ateliê Infraordinário - arte, cidade e natureza

Ateliê infraordinário: arte, natureza e cidade, é uma publicação pensada e organizada a partir de um ateliê de investigação artística, que se articulou ao redor da natureza urbana e infraordinária, dentro e no entorno da Casa de Cultura Mario Quintana em Porto Alegre, RS. O projeto de extensão, que leva o mesmo nome dessa publicação, aconteceu no Centro de Desenvolvimento da Expressão (CDE) localizado no 5º andar da Casa de Cultura Mário Quintana, nos meses de outubro e novembro de 2023.

Foram realizados dois encontros com artistas, pesquisadores e professores, nos dias 07 e 10 de outubro de 2023, e um encontro com atividades práticas, no dia 11 de novembro do mesmo ano. As atividades se organizaram em eixos:

Ficções da Natureza

No primeiro encontro, aconteceram conversas entre Daiana Schröpel, Fercho Marquéz-Elul, Glaucis de Moraes e Melissa Flôres.

Das matas ao jardim

No segundo encontro, aconteceram conversas entre Camila Hein, Claudia Hamerski e Vicente Carcuchinski.

Ateliê de práticas

No encontro de práticas, aconteceram proposições com mediação de Mariana Silva da Silva, Lai Borges e Bruno de Andrade.

Durante os encontros, foram colhidos vestígios de conversas, rastros, amostras, fotografias e desenhos, que ajudaram a compor essa publicação, composta por: Bruno de Andrade, Camila Hein, Daiana Schröpel, Fercho Marquéz-Elul, Gabriela Bittencourt, Glaucis de Moraes, Joana Custódio, Lai Borges, Mariana Silva da Silva, Melissa Flôres, Patriciane Born e Sandra Rhoden.

O projeto foi orientado por Mariana Silva da Silva (artista e professora da Uergs/Artes Visuais), Bruno de Andrade e Lai Borges (Bolsistas PROEXT/Uergs/Artes Visuais). Foi uma atividade promovida pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Uergs), sua Pró-Reitoria de Extensão (PROEXT/Uergs), em parceria com o Centro de Desenvolvimento da Expressão (CDE), instituição da Secretaria de Estado da Cultura (SEDAC/RS).





Breve nota sobre um evento extraordinário

Daiana Schröpel

O que diriam os seres animados e inanimados se pudéssemos compreender a sua linguagem comunicativa e não comunicativa? Motivadas por essa e outras inquietações, pesquisadoras do Instituto Allotria de Análises e Intervenções Antrópicas Investigativas (IAAIAI), em parceria com a Associação de Therolinguística, promoveram em tempo recente expedições prospectivas ao Arquipélago do Delta do Rio Jacuí, em Porto Alegre, Brasil. As excursões tiveram como objetivo a observação in situ de espécies singulares de natureza intermediarista, vistas como possíveis elementos-chave na decifração de linguagens e de outras formas expressivas, características dos diversos reinos naturais. Endêmicos dessa região, os espécimes foram descobertos pela pesquisadora Claire Lumpen durante o seu trabalho junto ao Observatório do Bioma do Delta do Rio Jacuí, segmento do IAAIAI. As investigações decorrentes dessa parceria institucional resultaram em amplos conjuntos documentais produzidos e divulgados pelo Observatório de Relações Interespecíficas em Contextos Extremos.

Os registos descrevem espécimes extraordinários, como é o caso de *Phalacrocorax cypella*, uma ave de hábitos aquáticos que apresenta no topo de sua cabeça uma crista em forma de flor. Fleumática e confiante, *P. cypella* não demonstra espanto e sequer se move ao sinal de presença suspeita. Passa horas inteiras pousada na extremidade de um ramo, preservada do sol. Por vezes, subitamente move a cauda da direita para a esquerda e executa algumas flexões com a cabeça, liberando um suave aroma nectarino pelo adereço que porta. Silenciosamente empoleirada num galho pendente, espreita a passagem de moscas, borboletas e pequenos besouros atraídos por suas excepcionais qualidades. Lançando-se com grande vivacidade sobre os insetos ludibriados, persegue-os no voo, descrevendo curvas sinuosas que as pequenas vítimas ensaiam em sua dança de escape, de tal modo que, ao fim, as agarra. No crepúsculo, aninhada no oco das árvores carcomidas, entoia uma cantiga chorosa e pouco harmoniosa. Nas primeiras horas da manhã, antes que o sol comece a esquentar, lança um silvo forte e rouco que se repete de três a quatro vezes seguidas.

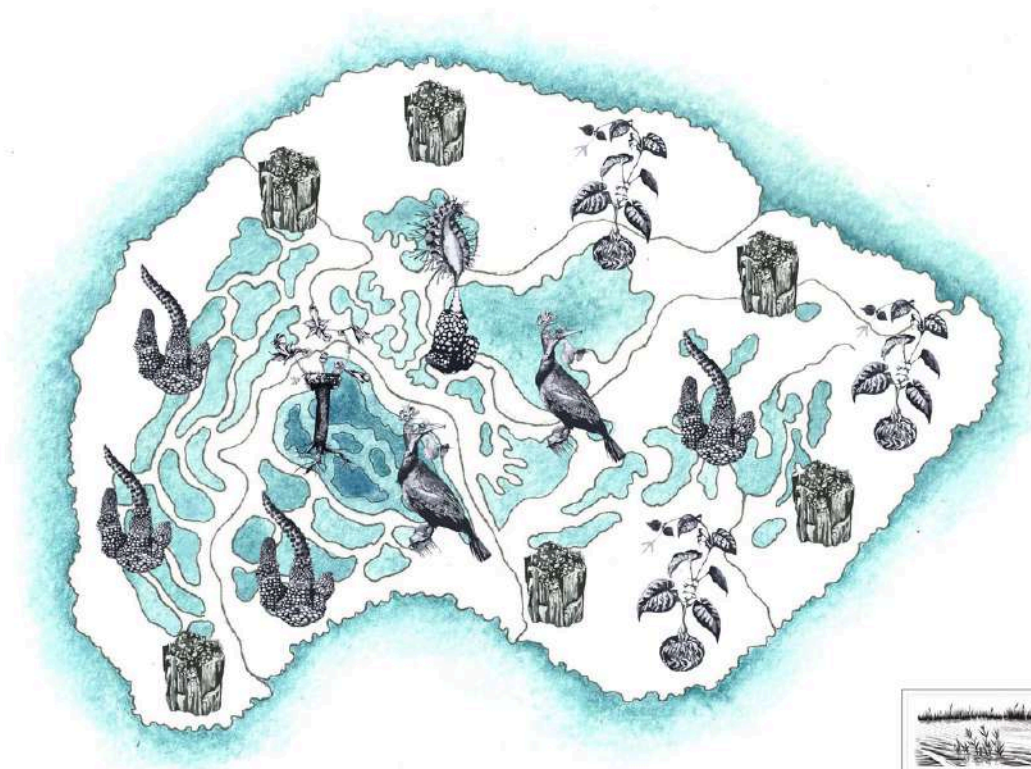


Em sua furtiva existência em meio aos ramos retorcidos das várzeas da Ilha das Moscas, *P. cypella* manifesta uma expressividade deliberada. No entanto, sua realidade, seu modo de percebê-la e habitá-la é particular a sua existência. A circunstância que oportuniza o encontro de seu mundo com o nosso é, portanto, um evento espantoso. Quais serão as histórias de seu mundo? A ele apenas lenta e infimamente poderemos aceder, graças às contribuições inestimáveis da Therolinguística e a um vigoroso exercício de antropofugismo.

P. S.: Desde as últimas traduções publicadas, alguns leitores se queixam de certo mal-estar. “Parece-nos cada vez mais penoso andar e seguir com a rotina, pois suspeitamos que o menor deslize causará a ruína de nossa vida”, afirmou um interlocutor. Em nota recente, a Associação de Therolinguística menciona os efeitos inesperados da leitura do canto nº 33, entoado pela ave no crepúsculo. Especula-se que o limiar entre nossos mundos possa ter sido brevemente perturbado por dada interpretação desse fragmento em particular. Por hora, espera-se que ler o mundo de outro modo poderá, decerto, ser motivo de desassossego.

[Texto originalmente publicado na Revista Miscelânea Naturalista, nº 12, out. 2023)

ILHA DAS MOSCAS





Phalacrocorax cypella

C. Lumpen



Muito além do jardim

Melissa Flôres

Começamos assim: preparando bem os canteiros, levantando-os a 15 cm de altura. Se você não tiver um jardim ou um espaço de terreno disponível, experimente um vaso ou uma floreira, coloque perto de uma janela.

A prática da jardinagem nasce com as primeiras civilizações. A Mesopotâmia nos deu uma das maravilhas do mundo: os Jardins Suspensos da Babilônia, que se caracterizam por um desejo de superação do arquitetônico sobre o natural; no antigo Egito, os jardins deveriam ter uma simetria rigorosa; o povo persa introduziu a liberdade e as flores perfumadas; a Grécia possuía jardins com características próximas das naturais; os romanos criaram jardins metódicos e ordenados, integrando-os às moradias; na China e Japão, a tarefa do jardineiro limitava-se a ordenar o já existente, concentrando atenção ao essencial. Já na Idade Média, com a construção de várias igrejas e mosteiros, o verde foi praticamente banido da vida urbana, limitando-se ao uso funcional (ervas medicinais, hortaliças, ou flores para os altares das igrejas).

O Renascimento, na Europa, traz para os jardins a organização formal. A paisagem era desenhada com régua e compasso, resultado disso é a simetria das linhas geométricas. Os jardins desse período são tidos como centros de retiro intelectual onde estudiosos e artistas podiam trabalhar e discutir, longe do calor do verão das cidades.

No Brasil, a história documentada do paisagismo inicia em 1808, com a chegada de D. João VI e a criação do Jardim Botânico, ganhando forças com a contratação de profissionais para os preparativos do casamento de D. Pedro I. A partir daí, a prática se espalha para os outros estados brasileiros de forma livre, como observam os especialistas do assunto, “nem sempre respeitando um único estilo.”

Continuando... use 30 gramas de adubo NPK de uma fórmula comercial ou 150 gramas de esterco bem curtido para cada 1 metro quadrado de canteiro, ou substitua tudo isso por um pouco de terra boa. Misture bem.

O jardim é uma pequena porção de natureza planejada, idealizada para existir perto do homem. Ele pode ser público, localizado em praças ou parques nas áreas urbanas; ou privado, junto às residências, como forma de ornamentação da fachada, ou como lugar de convívio na parte externa ou interna, o chamado Jardim de Inverno; ou, ainda, em pequenas floreiras ou vasos nas sacadas e janelas dos apartamentos



Observa-se que, ao longo dos tempos, o homem sempre procurou construir jardins para seu deleite, e também para uma tomada de consciência de seu lugar no mundo, como bem nos diz Giulio Carlo Argan: “A natureza não é apenas fonte de sentimento; induz também a pensar, especialmente na insignificante pequenez do ser humano frente à imensidão da natureza e suas forças.”

Próximo passo: Semeie e cubra com 0,5 cm de solo fofo ou serragem fina.
Época de plantio: todo ano (ideal para o verão).

No século XVIII, na Inglaterra, um termo surge como categoria estética em relação à paisagem natural: Pitoresco. Este termo está ligado à raiz do Romantismo Histórico e evoca as imperfeições, assimetrias, detalhes curiosos de uma natureza acolhedora, generosa, irregular, agradável, um estímulo à imaginação e ao pictórico. O pitoresco vai expressar-se na jardinagem, quando esta interfere na natureza sem tirar-lhe a espontaneidade. Segundo Argan, “o pitoresco põe em relevo a irregularidade ou o caráter das coisas.”

Entre os pioneiros da chamada estética pitoresca, encontram-se Alexander Cozens, que teoriza e expõe um método de pintura pitoresca que seu filho e também pintor, John Robert Cozens, continuou desenvolvendo; William Gilpin, que em 1782 cria uma espécie de guia ilustrado do pitoresco; Richard Payne Knigth, que escreve em 1794 um poema didático intitulado A paisagem; Sir Uvedale Price, que entre 1794 e 1798 escreve o Ensaio sobre o pitoresco, e coloca-o em prática no traçado de sua propriedade rural no condado de Hereford, nos EUA e Jean-Jacques Rousseau, que vai falar em Pitoresco Social, relacionando natureza e sociedade, integrando o indivíduo ao seu ambiente natural.

O artista norte-americano Robert Smithson, a partir de seu trabalho “Um passeio pelos monumentos de Passaic”, cria o que poderíamos chamar de Pitoresco Entrópico. Apresentado em um livreto ilustrado, como em um diário, descreve-nos, detalhadamente, os acontecimentos do sábado 20 de setembro de 1967, em sua ida à Passaic, sua cidade natal, subúrbio de Nova Jérsey. Nesse diário relata-nos o contato com uma paisagem constituída de restos de um território industrial. Esse panorama parecia conter uma série de ruínas românticas invertidas, ou seja, as construções e objetos encontrados não caem após serem construídos, e sim alcançam o estado de ruína antes de serem construídos.

Smithson encontra e nomeia monumentos algumas das situações com as quais se depara por acreditar que elas revelem a memória imediata desta região, como o Monumento Ponte sobre o Rio Passaic, cercado por outros monumentos menores, tais como máquinas e materiais utilizados na construção de uma nova estrada.

Caminhando em direção ao norte, ao longo do rio, encontra e fotografa os Monumentos Grande Tubo, Plataforma de Bombeamento e Fonte. Alguns passos à frente, e lá está o Monumento Caixa de Areia, constituído de pequenas partículas que, segundo o artista, o faziam resplandecer com a luz do sol que brilhava tristemente.

Um profundo sentimento de admiração me faz refletir sobre esse assunto e criar a ocorrência Jardim Secreto, que tem como objetivo o desejo de despertar uma motivação afetiva nas pessoas envolvidas (para além do jardim).

Após semear, regar pelo menos uma vez por dia, preferencialmente ao início da manhã ou no fim da tarde. As sementes germinarão entre 5 e 14 dias.

Caminhando por praças e parques da cidade de Porto Alegre desde novembro de 2007, sem um cronograma e roteiro pré-estabelecidos, tenho distribuído envelopes com sementes de flor. Estes envelopes foram planejados especialmente para esta ação e contêm instruções detalhadas para o plantio e cultivo de uma flor de jardim, omitindo, contudo, a espécie contida no seu interior.

A cada saída, ao longo destes meses, uma nova surpresa: a aceitação sorridente das pessoas abordadas, os comentários felizes e agradecidos como:

Estava mesmo precisando!
Sementes de flores, que bom!
Vou levar para a minha mãe, ela gosta disso.
Vou plantar no meu sítio...
Tenho muitas flores na minha casa!
Posso levar mais um?

Nenhum comentário questionador referente à origem do trabalho, ou a alguma intenção velada surgiu. Mesmo por parte de algumas pessoas que, após perguntarem que semente continha o envelope e descobrirem que eram secretas, apenas um esclarecimento:

Por favor, só me diga uma coisinha, devo plantar em um espaço grande, ou pode ser em um vasinho?

O fato que mais me emocionou, aconteceu na Praça México localizada na zona norte de Porto Alegre. Era um sábado muito ensolarado de janeiro deste ano, a praça estava cheia de crianças brincando, famílias tomando chimarrão, jovens ouvindo música e jogando bola, comecei a distribuição de um ponto da praça ao qual retornei após percorrê-la.

Sentei um pouco para descansar e percebi que uma família (mãe e um casal de filhos) estava plantando ali mesmo as sementes entregues por mim há alguns minutos. Acredito que esse foi o momento mais feliz do Jardim Secreto e fez todo a experiência valer a pena.

“Gesto é o nome dessa encruzilhada onde se encontram vida e arte (...) Nem valor de uso, nem valor de troca, nem experiência biográfica, nem acontecimento impessoal, o gesto é o contrário da mercadoria, fazendo precipitar na situação os cristais dessa substância social comum.” Giorgio Agamben.

Através de um gesto simples, anônimo e fugaz, pretendo levar algo novo ao dia-a-dia da pessoa que acolhe um dos quase dois mil envelopes, que guardam um pequeno segredo que só será revelado pelo carinho do cultivo. A proposição faz pensar também em um jardim acontecendo à distância, várias flores brotando em segredo, uma em relação à outra, mas todas fazendo parte de um grande jardim e unidas por gestos de carinho.

A floração acontece em 60 dias no verão e em 70 dias no inverno. Atrai borboletas.





Camila Hein













Hoje amanheceu um dia incrível, com uma forte luz quente entrando pelos verdes. Os passarinhos cantam diferente esta época, a procura de seus pares, são muitos. As folhas das árvores sacodem levemente faceiras com o sol, todos cansamos da água em excesso.

O mundo está em colapso, ouvi ontem... e isto ficou retumbando na minha cabeça. Na TV, só notícias de guerra em meio ao almoço cortês com a família. Ninguém sentou no pátio, mesmo nosso jardim sendo grande. Não olhamos nada na rua e as orquídeas em flores, em pleno gozo, perdemos... Agora pouco um sabiá bicava a própria imagem no vidro da janela, me lembrou a imagem humana, tentando destruir a nós mesmos e não vendo o real atrás de si, percebendo a imagem refletida como o inimigo enquanto a vida acontece.

A potência da vida é colada à morte, e na floresta não há desperdício de energia, há abundância, mas não desperdício. Tudo é passível de virar a vida do outro, até mesmo as pedras. Em fluxo constante, não há espaços fechados, há sempre contaminações.

Sempre ouvimos falar que as árvores não caminham, aqui aprendi que elas sabem se deslocar, pelo menos de duas formas. Elas alongam suas partes e vão crescendo, crescendo e quando menos se espera elas aparecem em outro lugar e, se deixarmos, tomam conta. Os primeiros que chegam são os cipós, com seus tentáculos vão subindo, prendendo-se e agarrando-se em tudo e vão tapando os lugares mais difíceis, preparando o terreno para outros.

Hoje tem sol e certamente teremos muitos insetos. As borboletas preto, amarelo e vermelho são as primeiras a aparecer e batem suas asas em um movimento curto e rápido, enfeitadas para se acasalarem. Depois vem os besouros. Ontem já havia visto uma donzelinha presa dentro de casa, a soltei. Certamente verei o lagarto com seu ar de pré-histórico, dono do quintal, tem na pele um lindo desenho, rabo comprido, robusto.

Depois não se pode saber o que irá aparecer, ontem vi uma grande garça branca, outro dia dois tucanos do bico verde comendo açaí, também já dei de cara com a irara passeando pelo pátio, de dia. Os graxains vem a noitinha nem parecem ser de verdade com seus pequenos focinhos e pelos marrons, frequentemente estão de casal. O gambá de orelhas brancas vem à procura de comida lá pelas 22 h.

Não consigo contar quantos seres já vi no quintal.

Uau, agora mesmo estão passando um barulhento grupo de caturritas.

Não consigo nomear o tamanho da minha ignorância em não conhecer.

Não consigo saber quantas formas novas, cores e texturas já conheci aqui.

E o mundo está em colapso...

Que mundos são esses?

Nós perdendo a vida acontecendo. Olhando a TV e não indo para onde ela acontece.

Não há como descrever o conviver. Estamos matando o espetáculo em troca de quê?

O mundo está em colapso?

Não, o mundo não está, nós humanos estamos colapsando este mundo em troca de jogos de videogame.

Mas podemos apagar a luz e ir ver o mundo acontecendo para além de nós.



Entradas para um índice remissivo de interesses infraordinários: a janela, o jardim, as mãos

Fercho Marquéz-Elul

A CLÁUSULA

No primeiro encontro temático Ficções da natureza, atividade de extensão Ateliê infraordinário: arte, natureza e cidade, organizada pela Profa. Dra. Mariana Silva da Silva, no Centro de Desenvolvimento da Expressão – Uergs, na Casa de Cultura Mário Quintana, foram relatadas experiências de *site specific* a partir do espaço expositivo Maria Lídia Magliani, continuada em minha exposição individual *Índice remissivo: segunda edição* – Fercho Marquéz-Elul, curada por Taís Cardoso e Daniel Galera, ocorrida de 04 de outubro a 10 de dezembro de 2023. Nessa ocasião, repetia-se a reflexão processual a respeito das janelas que compõem o espaço expositivo e que se iniciava, no mesmo local, pela primeira vez durante a exposição coletiva *Pesquisa Coletiva*, organizada por Clara Marques e Rafael Kayser, aberta ao público de 18 de setembro a 30 de novembro de 2021.

Expunha durante o percurso pelos espaços físicos adjacentes ao Centro de desenvolvimento da expressão e a Sala Maria Lídia Magliani – como as áreas de passagem, o jardim, a travessa, os corrimãos, as cimalthas em formato de palmeta, destacando fragmentos e informando o público a respeito de significados ocultos a partir de interesses desses discursos enunciados em rede e materializados nos elementos arquitetônicos. Entre o guia turístico e a mediação, esse percurso expositivo evocou antigas ações de exposição e apresentação que aquele espaço engendrava quando era antes um hotel. Ações como recepcionar o hóspede, conduzi-lo pelos espaços, apresentar um aposento a quem estiver interessado ao abrir a porta. Experiências ali que baseadas na permanência temporária, só podiam ser estimadas pela atenção fragmentada e, muitas das vezes, conduzidas com a voz, com o corpo e com os dedos que apontam ou indicam.

Lançar algumas entradas ou verbetes para consulta e ao mesmo tempo deixar consciente a desestruturação da diferença entre leitor e escritor em uma simples ação de consulta a um dicionário, glossário, silabário, manual, guia, inventário, atlas ou índice remissivo. A ação de leitura será mantida tão somente se em sua própria interrupção. Ao se estabelecer como tal e sair dela mesma rumo à cotidiana consulta do dicionário, essa leitura se constitui no que possui de interrupção de si em si. Uma instância que a interrompe, a suspende e a fragmenta tanto por um uso prático com objetivo da significação, como também pela ficção entre ignorância e sapiência. Na leitura que se transcorre, sair dela em direção a essa leitura ou interrompê-la para acessar a constituição dessa leitura primeira. Com isso, ofereço entradas de verbetes para um índice remissivo de interesses infraordinários.



A JANELA



FENÔMENO AVÚNCULO

A janela sempre se faz
ao despencar para fora do
parapeito
cai para anteparar a paisagem
— projeto de presença que se
furta na abertura
ausentando-se
abandonando o palco
o campo transbordando o limite
— fechada
veste a vista de sombras.
É o sono da paisagem
Quando o portal dá com a
passagem na parede
aberta
a vigília avuncula
para deixar sair o cheiro do sono
as camadas oxidadas de surpresas
— o sebo lubrificando máscaras de
morte.
Verter um pouco de luz
dispersando qualquer agremiação
— o corte contrário do rés-de-
gramíneas
quando dormido os objetos
conspiram
o barulho incide sobre a energia
das coisas
e o quarto expulsa numa
contração
os últimos medos que enraízam
pesadelos
qualquer resquício demoníaco de
desejo
sob os dentes podres de uma
língua.

Fercho Marquéz-Elul – *Ora*, 2023.
Fotografia: Vicente Carcuchinski.

O JARDIM

RASTROS QUÍMICOS

[...]

No Marrocos seus habitantes colhem
na primeira hora da manhã
orvalho e neblina
hortelã e maná-de-deserto
— essas nuvens condensadas de avião
trilhas e rastros
indícios invictos de espanhóis.
Misturam-se a essas nuvens
farelos de açúcar
(tão em falta em Gibraltar)
e vendem gritando pelas ruas
aos guiris algodão doce
rico em ácido damálico
— Ótimo para o olhar cansado
bela troca.
— Por três mudas de pé-de-igualdade...
/INTERRUPÇÃO/
A freira jardineira disse do fundo do claustro
a respeito do trágico contrabando de plantas
/RETOMADA/
— você compra três algodões doces
ricos em ácido damálico.
[...]



JARDINS/ DE ESTUDOS/ DE ESCUTAS

Os jardins acompanham nossos feitos há séculos
por vezes parecem nos dar à luz como tais.
Sempre como um recorte
um todo biodiverso,
um fragmento consumado
uma moldura vivente sob controle.
Jardins são também capazes de abrirem-se à liberdade
tornando-se não apenas privação
um espaço cultivado à intimidade
um limiar para atravessamentos rebeldes
porosidade dando lugar para trânsitos
distintas qualidades, temperaturas.
Da arquitetura à biologia
geografia à estética
a história das plantas
migrações de pensamentos originários e nativos.
Cultivos de cuidado
desejos e paixões hortelãs
conexões entre espécies,
poder e censura povoam a lida aos jardins.
Brotam
transbordamentos do tempo
natureza que nos cultivam a germinarmos à terra
sempre e perene após uma poda
para brotarmos ao ar uma vez mais.
A razão humana às zonas radiciais do incapturável.
Histórias que nos embalam através das culturas
fertilizam nossos sonhos pela terra
a meio caminho de uma ferramenta cultural
por usos
com sabor em mão-dupla.
Correspondências.
A floresta que resiste, com a horta, a plantação
os terrenos baldios
esses espaços em vidas sem nomeação ou funcionalidade de fim
as não demarcações
o que está dentro e os que não estão
à frente de uma natureza-morta
por estarem detrás do muro
sendo atacados
explorados ou exauridos.

PLANTAS

— FICCIONAIS UM JARDIM

Um jardim
construído da nomeação de plantas de convivência.
Uma vez
e sempre um novo canteiro amplia esse oásis
linha após linha de sementeira
— exercício jardineiro em que diferentes sementes germinam enxertadas
um verde escuro.
Os caminhos acinzentados entre os canteiros
topografam a respiração do terreno subindo e descendo
voçorocam o branco desértico do papel
e de seus valões abertos pela serifa afiada
plantas precursam raízes letradas.
A ficção se aloja e descansa
feito uma serpente preguiçosa sobre um galho
entre plantas fora de estoque
à beira da extinção
e aquelas ainda não catalogadas.
Tais plantas
— e a ficção também
trameam entre o que já não existe mais
o que está prestes a desaparecer
e o que nunca será até o momento descoberto.
É a erva daninha que pousa
sua semente revolta
na farpa da cerca entre o jardim e o deserto.

SOB A SOMBRA DE JARDIM

uma flor furtiva se abrindo
na escuridão de um jardim
ou quintal seu odor
náuseas viajam entre as axilas da vegetação
as noites desabrocham
pálpebras do crepúsculo

RONDÓ

primeira chuva de primavera
— folhas do jardim brilham de suor
ensopadas.

AS MÃOS



GESTO I (PRIMEIRO E ÚLTIMO)

quando dois molhos de chave

voltam a se tornar um só

o segredo de qual molho
abriu e fechou mais portas

é um mistério
infra-mince

Eu ainda não pisei na Lua

Glaucis de Moraes

Na Orla do Guaíba, em sua parte mais próxima ao Arroio Dilúvio, ainda restam poucas frações de terreno que não se enquadram, estritamente, na concepção paisagística orientada segundo uma ideia de lazer. Uma área híbrida, entre estacionamento e resto de vegetação ciliar, com um grande acúmulo de terra avermelhada se erguendo no horizonte, atualiza a memória geográfica do aterro que compõe a região. Ao andar sobre essa terra, ordenadamente disposta em montes, meu corpo oscila na busca pela estabilidade perdida no relevo irregular e de densidade heterogênea. A metáfora da terra firme - lugar onde se pode ancorar, apoiando firmemente os pés no chão - evocada enquanto antítese, a partir da experiência oscilatória do corpo sobre o terreno que ondula, parece-me apropriada para pensar o caminhar em estado de alerta. Condição que sinaliza a distinção daqueles que percorrem estes espaços por lazer, para deslocamentos diários e por aqueles que o fazem como fruto de uma prática investigativa. Neste sentido, penso estes locais, poeticamente vivenciados em saídas de campo, como plataformas de decolagem. Ali, ao "encontrar" a Lua, não me "encontro" mais em terra sem, no entanto, desalojar meus pés da terra, consciente sobre a aderência necessária para aqui estar. O que significa, neste contexto, aproximar-se da Lua, trazê-la para perto de si?

A caminhada à procura da Lua e com ela é, ao mesmo tempo, uma alegoria e uma afirmação tautológica: é incorporá-la, no sentido de lhe dar corpo aqui, onde a aridez que há tempos se anuncia, reina. É absorvê-la, agregar-se a ela, na busca de restabelecer os vínculos perdidos com estes entes que, pelos processos sucessivos de objetificação, acabam por não serem mais ouvidos. Ao pensar a Terra, a Lua e o cosmos como mecanismos a serviço de uma grande máquina, cuja avidez consome toda e qualquer potência de vida, a matriz capitalista desertifica, da mesma forma, nosso mundo e nossa subjetividade. Entendo que carregar a Lua em si e consigo, da mesma forma que andar pelas cidades com diversas vassouras pousadas nos ombros, aproxima-se da ideia de portar "paraquedas coloridos", como nos fala Ailton Krenak em Ideias para adiar o fim do mundo.

Frente à inevitável queda, que prefigura o desaparecimento da humanidade, como a entendemos atualmente, é necessário inventar modos de persistir, de viver, na emergência e na crise, não apenas materialmente mas, sobretudo, subjetivamente. "Não eliminar a queda, mas inventar e fabricar milhares de paraquedas coloridos, divertidos, inclusive prazerosos. (...) De que lugar se projetam os paraquedas? Do lugar onde são possíveis as visões e o sonho", conforme Krenak.



















Gabriela Bittencourt e Joana Custódio





















Bruno de Andrade







Patriciane Born





Sandra Rhoden

GOOD
VIBES
Only

APENAS
BOAS
VIBRAÇÕES

Nebulosas

Ceiba speciosa, popularmente llamada palo borracho o árbol del puente, es una especie del género Ceiba nativa de las selvas tropical y subtropical de Sudamérica. Tiene varios nombres comunes locales: palo borracho, árbol botella, toborochi, árbol de la lana, palo rosado, samohú.





Nebulosas

Ceiba speciosa, popularmente chamada de palo borracho ou árvore-ponte, é uma espécie do gênero *Ceiba* nativa das florestas tropicais e subtropicais da América do Sul. Possui vários nomes locais comuns: bastão de bêbado, árvore de garrafa, toborochi, árvore de lã, bastão rosa, samohú.











INSTITUTO ALZHEIMER
DE ANÁLISIS E INTERVENCIÓN
ANTERIORES INVESTIGATIVAS

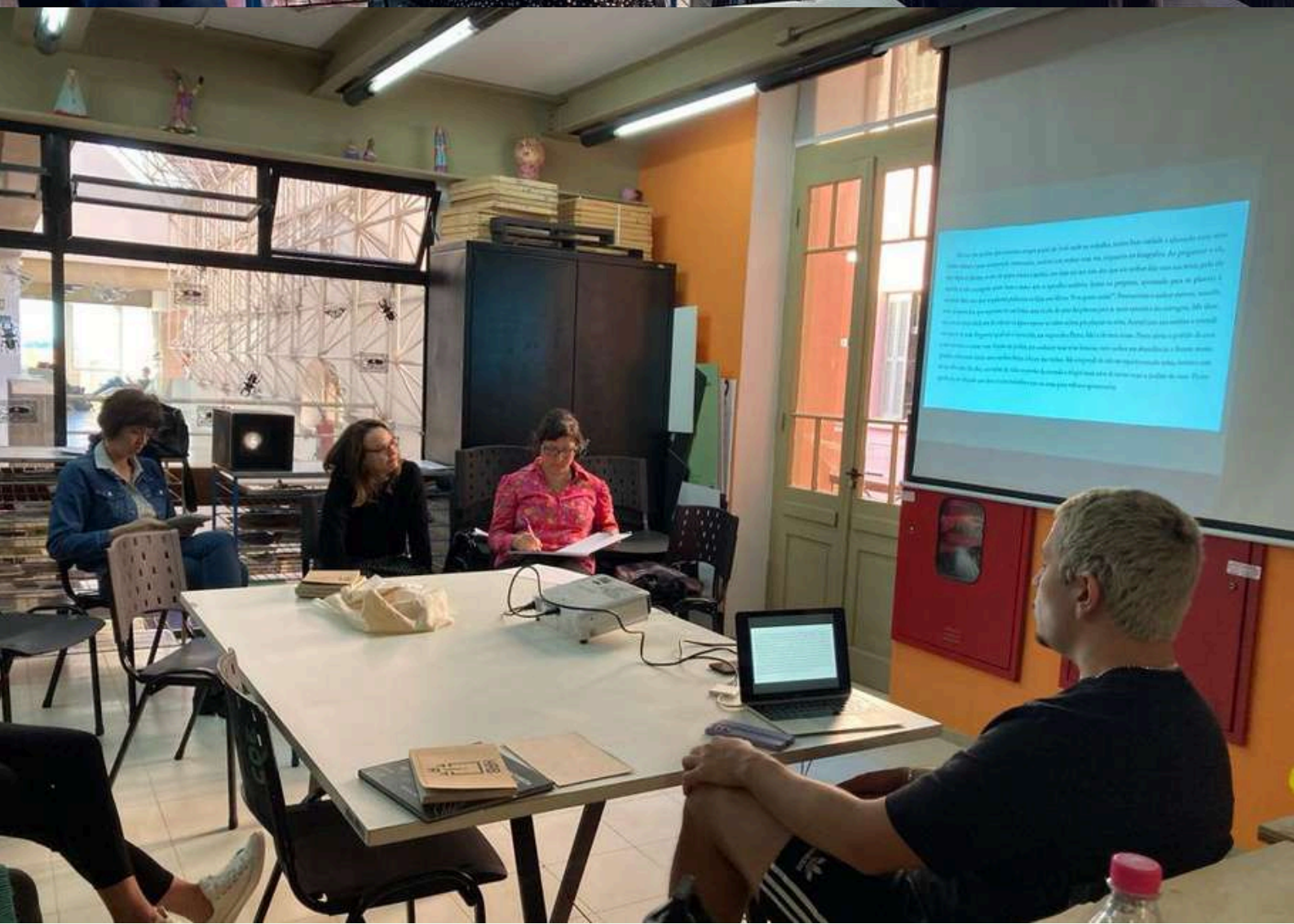
El Instituto Alzheimer de Análisis e Intervención Anteriores Investigativas es un organismo sin ánimo de lucro que se dedica a la investigación y al desarrollo de programas de intervención para personas con enfermedad de Alzheimer y sus familiares. El instituto cuenta con un equipo de profesionales altamente cualificados que trabajan en colaboración con las familias y los servicios sociales para mejorar la calidad de vida de las personas afectadas por esta enfermedad.

El instituto ofrece una amplia gama de servicios, desde la evaluación y diagnóstico hasta la intervención y el apoyo a las familias. Además, el instituto participa en proyectos de investigación que buscan comprender mejor la enfermedad de Alzheimer y encontrar nuevas formas de tratarla.

El instituto también organiza actividades de sensibilización y formación para profesionales y ciudadanos, con el objetivo de aumentar el conocimiento sobre esta enfermedad y reducir el estigma asociado a ella.

El instituto cuenta con un equipo de voluntarios que ayudan en las actividades de intervención y apoyo a las familias. Si deseas más información sobre el instituto o sus servicios, puedes contactar con nosotros a través de nuestro teléfono o correo electrónico.







Organização
Bruno de Andrade
Glaucis de Moraes
Lai Borges
Mariana Silva da Silva

Design
Lai Borges

Desenhos
Bruno de Andrade

Coordenação
Mariana Silva da Silva





APOIO INSTITUCIONAL

CASA DE CULTURA  MARIO QUINTANA

jeavi
INSTITUTO ESTADUAL DE ARTES VISUAIS

REALIZAÇÃO

 **uergs**
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul

PROEX
Pró-Reitoria de Extensão



flume
educação e artes visuais

CDE | CENTRO DE DESENVOLVIMENTO DA EXPRESSÃO

 GOVERNO DO ESTADO
RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DA CULTURA

